

Riobaldo também envelhece

Guillermo Julio Montero¹

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” (p. 63)

“Eu estou depois das tempestades.” (p. 482)

RESUMO: O autor propõe uma compreensão e interpretação psicanalíticas da novela *Grande Sertão: Veredas*, da perspectiva do envelhecimento de Riobaldo, seu protagonista. Apresenta o conceito de trabalho do envelhecimento, assim como articula a trama com o seu conceito de madurescência. Sugere a dissolução do “pacto com o diabo” como um momento característico do início do envelhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: envelhecimento; meia idade; pacto com o diabo; madurescência

Introdução

Desde bem novo senti fascinação pela obra de João Guimarães Rosa, especialmente por *Grande Sertão: Veredas* (1956). Nunca soube nem consegui lembrar como cheguei naquela época até Guimarães Rosa, embora talvez fosse a partir da obra de Glauber Rocha que, em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*

1. Guillermo Julio Montero. PhD, é psicanalista, membro titular da Associação Psicanalítica Internacional (API), Chair do Comitê da API Perspectivas Psicanalíticas do Envelhecimento, e presidente da Fundação Travessia (Psicanálise para a Transição e Crise de Meia-Idade) [www.fundaciontravesia.org.ar]. É autor de vários livros centrados na madurescência e na meia-idade da vida, e também dissertador frequente em congressos internacionais da especialidade.

(1964) e em *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro (Antonio das Mortes)* (1969), incentivou em mim o desejo de compreender o universo dos cangaceiros e jagunços, arquétipos de certo tipo de homem livre com o qual me identificava e me identifico ainda hoje. Os “habitantes” do sertão me pareciam indivíduos que tentavam fundar o mundo novamente, que desafiavam a natureza humana, que estavam entregues às suas paixões, possuídos por elas: eram indivíduos que tinham alguma coisa a dizer, e meu desejo era poder desentranhar essa mensagem.

Muito mais tarde Euclides da Cunha, com *Os Sertões* (1902), me conduziu até as origens do Brasil moderno com sua história sobre a guerra de Canudos e os fatos relacionados com Antônio Conselheiro, que posteriormente foram romanceados tanto por R. B. Cunninghame Graham: *A Brazilian Mystic: Being the Life and Miracles of Antonio Conselheiro* (1920), como por Mario Vargas Llosa no romance *La guerra del fin del mundo* (1981). O mesmo interesse que, próximo de 2006, me levou a encontrar e a entrevistar em Buenos Aires Vera Ferreira Nunes, neta de Lampião e Maria Bonita – que me presenteou com o maravilhoso volume *Cangaceiros*, de Élise Jasmin (2006) – em mais outra tentativa de desentranhar os mistérios da cultura popular dos quais se ocupa a tal chamada cultura “cultura”, embora muitas vezes sem mencionar sua origem. E precisamente Guimarães Rosa não renega a origem popular de tudo aquilo que relata.

Este interesse me fez festejar o convite para apresentar minhas ideias a respeito neste congresso à maneira de uma homenagem a esse Brasil do qual estou falando, esse Brasil que sinto que habitou em mim desde muitíssimos anos e que continua me intrigando com a mesma intensidade de sempre nos meus 65 anos de idade. Propus-me a fazer uma leitura pessoal de *Grande Sertão: Veredas*, centrada em uma perspectiva psicanalítica do envelhecimento de Riobaldo, o personagem principal.

Não me escapa a ousadia que significa acometer uma tarefa como a que aqui me proponho, mas tenho certeza de que todos vocês saberão disfarçar qualquer erro, considerando esta apresentação como exemplo da minha admiração pela obra de Guimarães Rosa.

Ao mesmo tempo, acredito que por trás de um livro que se transforma em “clássico” sempre existe certa sabedoria que representa vários dos arquétipos profundos da natureza humana – de outra maneira não se transformaria em clássico –, por isto também postulo que Riobaldo somos todos nós, que Riobaldo habita na alma de todos os presentes. Vou tentar demonstrá-lo.

Características do romance

Grande Sertão: Veredas é um daqueles romances que podem ser considerados romances-totais ou romances-mundo, romances que pretendem abranger uma *weltanschauung* que não deixa detalhe algum descuidado. Como *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* (1615) de Miguel de Cervantes, *Fausto* (1828) de Goethe, *Ulysses* (1922) de James Joyce – e tantos outros romances-totais com os quais dialoga –, *Grande Sertão: Veredas* também se torna um clássico porque alude aos temas centrais da natureza humana: a vida e a morte, a esperança, o desejo, a dor. Por esta razão, meu recorte pessoal do romance – tal como o de outra pessoa qualquer – inevitavelmente será parcial, porque só o romance em si mesmo pode ser totalizador: qualquer interpretação o condiciona a um marco que o deforma na tentativa originária atravessada pela perspectiva do comentarista.

Se bem Guimarães Rosa tivesse “inventado” um interlocutor com quem Riobaldo estaria se comunicando, minha impressão é de que o verdadeiro interlocutor a quem está direcionado o discurso é o leitor posicionado em um lugar de confidente e apoio emocional, com a finalidade aparente de poder ajudá-lo a representar psiquicamente a intensidade da vida vivenciada nos anos da maturidade que está atravessando. Desde esta perspectiva, o narrador posiciona o leitor como uma espécie de “psicanalista” a quem Riobaldo vai contando, pausada e meticulosamente, sua vida, buscando certa compreensão psicoterapêutica que promova uma integração da história pessoal de vida.

Por isto é que acredito que o “tratamento psicanalítico” de Riobaldo começa com estas palavras: “De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para quê? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço.” (p. 183).

A “transferência psicanalítica” também pode ser inferida nos seguintes parágrafos:

“O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo.” (p. 44).

“Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba.” (p. 193).

Este é o lugar que Riobaldo espera do leitor-“psicanalista”: ser o objeto que tolere o que talvez saiba e compreenda, suplicando espaço para expressar “o

que não sei se eu sei”, quer dizer, um objeto que lhe permita tolerar a incerteza, porque, sustenta também Riobaldo, em um exemplo de sua profunda sabedoria da vida: “A gente só sabe bem aquilo que não entende.” (p. 311).

Os emblemas que insistem

Os “emblemas” de um relato são frases ou palavras que se repetem várias vezes e que desempenham duas funções principais. Por um lado, são núcleos de significação que servem ao propósito da articulação do sentido do discurso outorgando identidade, enquanto, por outro lado, funcionam como estereótipos que ajudam a memória do poeta que repetiria oralmente a saga, um recurso para enfatizar precisamente a pretendida oralidade do discurso, por exemplo, quando se trata de um texto escrito.

Encontro três emblemas no discurso de Riobaldo que “insistem” em obter certa visibilidade. O primeiro emblema que “insiste” dentro da “oralidade” do romance é a frase repetida muitas vezes por Riobaldo: “Viver é muito perigoso” (p. 25, 26, 31, 38, 47, 60, 92, 226, 255, 293, 535).

Resulta muito difícil contar a quantidade de vezes que a frase volta ao longo do texto.

O que quer dizer Riobaldo com esta frase?

Qual é o “perigo” de viver?

Minha ideia é que Riobaldo deseja transmitir algo profundo que o transpassa ao longo de toda a sua história individual: que estar aberto a Viver – letra maiúscula, diria eu – quer dizer estar aberto à plenitude da vida, e a incerteza é algo que resulta perigoso porque demanda assumir riscos incomuns, permanentemente. Este é o posicionamento que ele tenta transmitir a seu interlocutor. Por isto Riobaldo sustenta: “Mas, quem é que sabe como? Viver... O senhor já sabe: viver é etcétera.” (p. 87).

Quiçá o próprio Riobaldo entregue uma resposta ao “perigo de viver” na sua fala, quando sustenta: “Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar para trás? Travessia de minha vida.” (p. 241).

Quiçá conectado com o “perigo de viver”, Riobaldo “insiste” em um segundo emblema: o medo. É muito pregnante a presença do medo como emblema no relato de Riobaldo, muitas vezes associado ao anterior. Por isto “insiste” tantas vezes com a pergunta: “Que é que a gente sente, quando se tem medo?” (p. 97).

Pergunto-me: Qual é o “medo” de Riobaldo?

Talvez Riobaldo esteja aludindo ao medo como aquilo que faz evidente uma plenitude que é difícil de suportar, que se faz urgente expulsar. Por esta razão sustenta: “O prazer muito vira medo, o medo vai vira ódio, o ódio vira esses desesperos?” (p. 196).

Desta maneira, Riobaldo propõe um circuito onde o medo se transmuta e transmite o prazer e a dor, o “ódio” na sua fala.

No fundo, quero colocar aquilo que também Riobaldo sustenta: “E eu tinha medo. Medo em alma.” (p. 37). A este medo na alma também vou me referir quando descrever o “pacto com o diabo”.

O terceiro emblema que encontro no discurso de Riobaldo é a palavra “travessia”. Ao “perigo de viver”, ao “medo”, Riobaldo acrescenta a noção de “travessia”, como a expressão da experiência subjetiva do ciclo vital. O lema deste trabalho: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (p. 63) – já lido no início – é a primeira alusão, apesar de existirem muitas outras ao longo do relato.

“Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo muito diferentes. Ou são tempos, travessia da gente.” (p. 329)

“Travessia – do sertão – a toda travessia.” (p. 408)

“Travessia perigosa, mas é a da vida.” (p. 440)

Tampouco pode se deixar para lá o fato de que a palavra “travessia” é precisamente a última que pronuncia Riobaldo em todo o seu relato: “Existe e homem humano. Travessia.” (p. 492).

Estes três emblemas, então, fazem referência à incerteza da vida e à vivência do passar do tempo, algo que acaba decorrendo do trabalho de envelhecimento que se inicia com a madurecência e a meia-idade da vida concomitante.

O sertão

A geografia onde transcorre o romance é o sertão. Mas qual é o sertão a que Riobaldo se refere quando relata as memórias dele para o interlocutor?

A partir desta perspectiva, poderia definir o sertão como um exemplo do espaço psíquico. São muitas as tentativas de traduzir em palavras a “vivência” adjudicada ao sertão por Riobaldo. Não é apenas o lugar geográfico onde transcorre a vida do jagunço, mas também é o sertão uma espécie de geografia psíquica, um espaço imaginário disposto para desenrolar a própria vida “travessia-de-vida”.

“O sertão é sem lugar.” (p. 292).

“O sertão não tem janelas nem portas.” (p. 403).

“Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem.” (p. 313).

Por esta razão é que o relato tenta figurar nas primeiras páginas o espaço do sertão, como para situar esta “geografia psíquica” onde Riobaldo vai localizar sua própria vida.

Riobaldo sustenta:

“Sertão é donde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar.” (p. 33).

Quer dizer, o sertão como um espaço imaginário em que é possível uma espécie de alucinação onírica que permite a realização psíquica de tudo o que se deseja:

“Ah, mas, no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo!” (p. 237).

Riobaldo também caracteriza o sertão como algo interno:

“Sertão é o sozinho. Sertão: é dentro da gente.” (p. 256).

Também como algo onipresente:

“O sertão está em toda a parte.” (p. 19).

Também como algo não abrangente:

“O sertão é do tamanho do mundo.” (p. 71).

Também como algo incerto:

“Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.” (p. 136).

Também é algo que implica um fenomenal paradoxo:

“Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro.” (p. 232).

Impacta da mesma maneira que Riobaldo caracterize o sertão nas últimas páginas de forma diferente, quando afirma:

“O sertão é uma espera enorme.” (p. 466).

À qual espera se refere Riobaldo? Poderia significar esta frase que a vida inteira é a enorme espera de um momento que ressignifica tudo o que é vivenciado, quer dizer, que a morte chega para outorgar sentido a tudo o que pôde ser vivido?

O pacto com o diabo

Todo o relato de Riobaldo está caracterizado também por uma pergunta que o sustenta desde sua própria gênese interna. Esta pergunta faz referência à urgência em compreender se Riobaldo teve um pacto com o diabo. Este motivo do pacto com

o diabo – além de levar o romance a um diálogo com toda uma tradição literária – coloca um problema que também tem uma resposta a partir da psicanálise.

Quero sustentar perante vocês que todos – todos nós inclusive – realizamos um pacto com o diabo, que é uma condição da própria existência e que a mitologia popular assim o manifesta permanentemente, como tentarei explicar a seguir. O pacto com o diabo mais característico implica a entrega da própria alma ao poder do diabo em troca da imortalidade. Isto significa que o “pactário” será capaz de cometer qualquer “sacrilégio” que lhe seja pedido tendo a garantia de que a morte não vai alcançá-lo. Isto quer dizer que o pacto se realiza para tentar burlar as leis da natureza.

Minha ideia é de que a realidade da vida inconsciente, incapaz de integrar um conceito que inclua a representação da própria morte individual, faz necessária a crença de que para cada pessoa será possível individualmente “evitar” a morte, garantindo a imortalidade.

Proponho que a gênese desta experiência interna possa denominar-se “pacto com o diabo”, algo que começaria desde antes mesmo do nascimento, visto que o casal parental quando considera o filho em gestação como “His Majesty, the baby”, a quem nenhum poder terreno poderá impor-se, nenhum mal poderá afetá-lo etc., já está colocando a criança nesse lugar. O narcisismo primário, posteriormente, faz o restante. Seguindo Freud (1914): “O ponto mais espinhoso do sistema narcisista, essa imortalidade do eu que a força da realidade acossa duramente, ganhou sua segurança se refugiando na criança.” (p. 88). Desde este posicionamento se impõe – e continuará se impondo sempre, segundo eu acho – com força o “pacto com o diabo”.

Quero propor que a pergunta e a preocupação de Riobaldo, então, alude a uma experiência humana universal, talvez razão suficiente para que esta seja encontrada repetidamente nas tradições populares universais, visto que tem a ver com a dificuldade de reconhecer a própria morte individual, tal como o próprio Freud (1915) afirma: “No fundo, ninguém acredita na sua própria morte, ou, o que acaba sendo a mesma coisa, no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade.” (p. 290).

Se der a palavra a Riobaldo, ele afirmará algo equivalente ao que estou propondo: “Que, quando um tem noção de resolver a vender a alma sua, que é porque ela já estava dada vendida, sem se saber; e a pessoa sujeita está só é certificando o regular dalgum velho trato – que já se vendeu aos poucos, faz tempo?” (p. 44).

Esta frase coincide com minha ideia de que “vender a alma ao diabo” é um acontecimento universal que alude aos estados originários do narcis-

sismo, em uma procura incessante de certa forma de imortalidade que o ser humano almeja ao longo de toda sua vida, e à qual é difícil renunciar. Sustento que a madurecência e a meia-idade da vida consequente constituem uma oportunidade para esta resignificação e renúncia ao “pacto com o diabo”.

A saudade de Riobaldo

Quando Riobaldo se questiona se pactuou com o diabo, também coloca uma maneira de compreender o que denomina “almejo”, “saudade” e “tristeza”. Afirma: “Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas, não são de verdade! E de que é que, a miúde, a gente adverte incertas saudades? Será que nós todos, as nossas almas já vendemos?” (p. 79).

Isto me leva a considerar que quando Riobaldo compreende que está livre do “pacto com o diabo” – após a morte de Hermógenes, que era quem o personificava –, surge uma nova vivência que denomina “almejo”, mas que logo decanta em uma vivência de “saudade” e de “tristeza”.

A nostalgia e a tristeza de Riobaldo estão vinculadas com a perda de uma plenitude –aquela promessa de imortalidade originária a que já me referi – algo que a pessoa que começa a reconhecer seu próprio envelhecimento está obrigada a considerar.

Esta é a razão pela qual as referências à “saudade” permeiam o relato todo: “Por mim, só, de tantas minúcias, não era o capaz de me alembrear, não sou de à parada pouca coisa; mas a saudade me alembra. Que se hoje fosse.” (p. 36).

“Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando rumo para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom. Seja?” (p. 160).

Note-se que também Riobaldo sustenta uma frase que daria conta do trabalho de envelhecimento – tal como eu coloco – depois da perda da ilusão de imortalidade: “Toda saudade é uma espécie de velhice.” (p. 45).

Porém, quando Riobaldo começa a se sentir livre do “pacto com o diabo”?

O desejo de Riobaldo

Riobaldo tem um objeto de desejo muito claro ao longo de todo o relato. Renuncio a comentar os detalhes desse desejo porque não quero que quem desconheça o texto perca a surpresa que guarda o desenlace.

Todavia é possível esclarecer que a realidade psíquica de Riobaldo está constituída por um *continuum* que tem ao amor erótico e ao amor terno por extremos. Nhorinhá, a prostituta com quem alguma vez manteve relações sexuais, está instalada no polo erótico; e Otacília, o amor ideal que parece impossível de se concretizar, no polo terno. No meio de ambas Riobaldo instala o autêntico objeto do seu desejo, motor da narração toda.

Quando esse autêntico objeto de desejo morre e Riobaldo descobre o grande segredo que oculta, se desorienta e reorienta simultaneamente, começando o verdadeiro reconhecimento do passar do tempo tanto quanto seu próprio trabalho de envelhecimento. Este acontecimento acaba sendo sincrônico com a finalização do seu “pacto com o diabo” – quiçá este fato também seja parte desta mesma finalização tanto quanto a morte de Hermógenes já anunciada – razão pela qual agora a velhice irrompe aberta à eventualidade da morte, porque a ilusão de eternidade derrui, definitivamente, à procura de uma integração psíquica diferente. Tudo muda: Riobaldo abandona a vida de jagunço, se retira para suas posses etc.

Haveria outros muitos detalhes apontando no mesmo sentido no texto, por exemplo, a potência simbólica que significa se acompanhar com o cego Guirigó e o menino Borromeo – que se deixe guiar por eles –, ou que finalmente decida botar o nome dele em um recém-nascido –devemos levar em consideração que Riobaldo não teve filhos biológicos, com tudo que isso possa representar psicicamente durante a madurescência –, falando para a mãe do menino uma frase impactante e decisiva: “Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!” (p. 381).

Todos esses elementos apontam para a renúncia à promessa de plenitude que a juventude propõe, todos esses elementos apontam para que Riobaldo finalmente consiga reconhecer o trabalho do envelhecimento.

Esta também é a percepção de Riobaldo quando ele se pergunta: “Se não, o senhor me diga: preto é preto? branco é branco? Ou: quando é que a velhice começa, surgindo de dentro da mocidade?” (p. 207).

A velhice de Riobaldo

No início deste trabalho eu propus um interlocutor para Riobaldo que funcionaria como um psicanalista. Finalizando-o, diria eu que o “psicanalista” de Riobaldo está posicionado também no lugar de testemunha do relato do seu envelhecimento.

O desmoronamento do “pacto com o diabo”, tanto pelo lado da morte de Hermógenes quanto pelo lado da morte física do objeto de desejo sexual, ou seja, a renúncia à promessa de imortalidade que cinge o «pacto» e o amor, conduz Riobaldo a reconhecer seu trabalho de envelhecimento, posicionando sua subjetividade de maneira renovada.

Vejam os exemplos:

“Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso.” (p. 21).

“Mocidade. Mas mocidade é tarefa para mais tarde se desmentir.” (p. 32).

“Desculpa me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos lados. Resvalo. Assim é que a velhice faz.” (p. 127).

“Ah, a mocidade da gente reverte em pé o impossível de qualquer coisa!” (p. 138).

Gostaria de terminar com um trecho de Riobaldo que sintetiza o seu trabalho de envelhecimento:

Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor – se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso. Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda: que as árvores das beiradas mal nem vejo... Quem me entende? O que eu queira. Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual – e é o que é. (p. 283).

Espero que agora possamos partilhar uma discussão que permita continuar desentranhando alguns dos segredos do trabalho de envelhecimento de Riobaldo – de alguma maneira também nosso próprio trabalho de envelhecimento. Muito obrigado.

Riobaldo also grows old

ABSTRACT: *The author proposes a psychoanalytic comprehension and interpretation to the novel Grande Sertão: Verdedas from the aging perspective of Riobaldo, the novel's protagonist. He presents the concept of aging work, and articulates the plot with his concept of madurescence. The author suggests the dissolution of the “pact with the devil” as a characteristic moment of the beginning of aging.*

KEYWORDS: *aging; middle-age; pact with the devil; madurescence*

Riobaldo también envejece

RESUMEN: El autor propone una comprensión e interpretación psicoanalíticas de la novela *Grande Sertón: Veredas*, desde la perspectiva del envejecimiento de Riobaldo, su protagonista. Propone el concepto de trabajo del envejecimiento, así como articula la trama con su concepto de madurescencia. Propone la disolución del "pacto con el diablo" como un momento característico del inicio del envejecimiento.

PALABRAS CLAVE: envejecimiento; mediana edad; pacto con el diablo; madurescencia.

Referências

- Cunninghame Graham, R. B. (2001). *Un místico brasileño. Vida y milagros de Antonio Conselheiro*. Montevideo: Lectores de Banda Oriental. (Trabalho originalmente publicado em 1920).
- Da Cunha, E. (2003). *Los Sertones. Campaña de Canudos*. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho originalmente publicado em 1902).
- Freud, S. (1992). Introducción del narcisismo. Em *Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1992). De guerra y muerte. Temas de actualidad. Em *Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (obra original publicada em 1915).
- Guimarães Rosa, J. (2015). *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015. (Trabalho originalmente publicado em 1956).
- Jasmin, E. (2006). *Cangaceiros*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- Vargas Llosa, M. (2000). *La guerra del fin del mundo*. Madrid: Alfaguara. (Trabalho originalmente publicado em 1981).

Recebido: 13/11/18

Aceito: 22/01/19

Guillermo Julio Montero
00 54 911 6822 6153
guillermontero@hotmail.com.

Tradução: Patrícia Moreno